

## **AVISO DE DIREITOS AUTORAIS**

Este material é de autoria exclusiva de **Roberta Calixto** e está protegido pela Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98).

É expressamente proibida a reprodução, distribuição, compartilhamento ou utilização, total ou parcial, deste conteúdo, por qualquer meio, sem autorização prévia e por escrito da autora.

O uso indevido deste material configura violação de direitos autorais, sujeitando o infrator às medidas legais cabíveis, incluindo responsabilização civil e criminal.

Para solicitações de uso, citação ou compartilhamento autorizado, entre em contato com a autora.

© Roberta Calixto – Todos os direitos reservados.



# **A transferência analítica em crianças e adultos: o brincar como experiência de simbolização no setting psicanalítico**

## **Resumo**

A transferência analítica constitui um dos eixos centrais da prática psicanalítica, sendo compreendida, desde Freud, como a atualização de experiências infantis no vínculo com o analista. No entanto, a ampliação teórica promovida por autores da escola inglesa, especialmente Donald Winnicott, desloca o foco da interpretação para a experiência emocional vivida no setting. Nesse contexto, o brincar adquire estatuto fundamental, não apenas na clínica com crianças, onde se apresenta como forma privilegiada de expressão psíquica, mas também na clínica com adultos, como indicativo da capacidade de simbolização e de acesso ao espaço potencial. O presente artigo tem como objetivo discutir a função do brincar na transferência analítica em crianças e adultos, destacando sua importância como via de elaboração psíquica, construção de sentido e desenvolvimento emocional. Parte-se da articulação entre as contribuições freudianas e winnicottianas, enfatizando o brincar como condição para o viver criativo e para o estabelecimento de uma relação analítica transformadora.

**Palavras-chave:** transferência, brincar, psicanálise, Winnicott, simbolização.

## **Introdução**

A transferência constitui um dos conceitos fundamentais da psicanálise desde as formulações de Sigmund Freud, sendo compreendida inicialmente como a atualização de experiências infantis no campo da relação analítica. Nesse processo, o paciente revive, no vínculo com o analista, modos de relação, afetos e fantasias inconscientes, permitindo que conteúdos recalçados sejam progressivamente elaborados. A transferência, portanto, não apenas sustenta o trabalho analítico, mas também revela a estrutura psíquica do sujeito em ato.

Contudo, ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, esse conceito foi sendo ampliado. Se, em Freud, a ênfase recai sobre a repetição e sua interpretação, autores posteriores passaram a destacar a dimensão da experiência emocional vivida no setting. É nesse movimento que a obra de Donald Winnicott introduz uma inflexão decisiva, ao propor que, em

determinados casos clínicos — especialmente aqueles marcados por falhas precoces no desenvolvimento —, a transferência não se organiza apenas como repetição simbólica, mas como uma experiência que precisa ser vivida, sustentada e, muitas vezes, construída na relação analítica.

Nesse contexto, o brincar emerge como elemento central para a compreensão da transferência. Na clínica com crianças, o brincar ocupa lugar privilegiado como forma de comunicação e elaboração psíquica, funcionando como equivalente da associação livre. Por meio do brincar, a criança expressa seus conflitos, fantasias e experiências emocionais de maneira simbólica, possibilitando ao analista acessar e intervir no mundo interno do paciente.

Entretanto, limitar o brincar à clínica infantil seria reduzir sua potência teórica e clínica. Winnicott amplia essa noção ao afirmar que o brincar está na base da experiência cultural e da vida criativa, sendo um indicador fundamental de saúde psíquica. Assim, na clínica com adultos, o brincar não se apresenta necessariamente como atividade concreta, mas como capacidade de simbolizar, imaginar, experimentar e habitar o espaço analítico de forma espontânea. Quando essa capacidade está comprometida, observa-se uma rigidez psíquica, empobrecimento da vida simbólica e dificuldades na relação transferencial.

Dessa forma, pensar a transferência analítica em crianças e adultos a partir do brincar permite ampliar a compreensão do processo clínico, deslocando o foco exclusivo da interpretação para a experiência compartilhada no setting. O brincar passa a ser compreendido como condição de possibilidade para a constituição de um espaço potencial, no qual paciente e analista podem, conjuntamente, sustentar processos de simbolização, elaboração psíquica e criação de sentido.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo discutir a função do brincar na transferência analítica em crianças e adultos, articulando as contribuições freudianas e winnicottianas, bem como os desdobramentos contemporâneos da clínica, com ênfase no papel do analista na sustentação de um ambiente que favoreça a experiência emocional e a constituição psíquica.

## **Desenvolvimento**

A compreensão da transferência analítica exige, inicialmente, o retorno às formulações freudianas, nas quais esse conceito é definido como a atualização

de protótipos infantis no campo da relação com o analista. Freud afirma que “o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o atua” (FREUD, 1914/2010, p. 201), indicando que a transferência se manifesta como repetição viva, e não como simples lembrança. Nesse sentido, a transferência constitui o terreno privilegiado da análise, pois é no vínculo com o analista que o inconsciente se torna acessível.

Entretanto, Freud também reconhece a ambivalência da transferência, que pode assumir tanto formas positivas quanto negativas, funcionando simultaneamente como motor do tratamento e como resistência. Em suas palavras, “a transferência, destinada a ser o mais forte auxiliar do tratamento, transforma-se em seu mais poderoso obstáculo” (FREUD, 1912/2010, p. 115). Tal ambiguidade evidencia que o manejo da transferência exige mais do que interpretação: implica uma posição técnica que sustente a experiência sem reduzi-la imediatamente ao campo do significado.

É nesse ponto que a contribuição de Donald Winnicott introduz um deslocamento fundamental. Para o autor, a transferência não pode ser compreendida apenas como repetição simbólica, mas deve ser situada em relação ao nível de desenvolvimento emocional do paciente. Em casos nos quais houve falhas ambientais precoces, o que emerge no setting não é apenas a repetição de conteúdos recalçados, mas a necessidade de viver experiências que não puderam ser originalmente constituídas. Winnicott afirma que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (WINNICOTT, 1975, p. 79), deslocando o eixo da análise para a experiência compartilhada.

Nessa perspectiva, o brincar não é apenas uma atividade, mas uma condição do processo analítico. Winnicott sustenta que “a psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas de brincar: a do paciente e a do terapeuta” (WINNICOTT, 1975, p. 80). Tal formulação implica uma mudança radical na compreensão da transferência, que passa a ser concebida não apenas como repetição, mas como espaço potencial de criação, onde algo novo pode emergir.

Na clínica com crianças, essa dimensão é mais evidente, uma vez que o brincar constitui a principal via de expressão psíquica. A criança brinca aquilo que não pode dizer, simbolizando, por meio de objetos e cenas, suas

experiências internas. Nesse contexto, o brincar funciona como equivalente da associação livre, permitindo que o analista acesse o mundo interno do paciente sem recorrer exclusivamente à linguagem verbal. Contudo, reduzir o brincar à infância seria limitar sua potência teórica.

Na clínica com adultos, o brincar aparece de forma mais sutil, frequentemente comprometido ou recoberto por defesas. A rigidez do pensamento, a incapacidade de imaginar, a dificuldade em sustentar experiências simbólicas e a tendência à atuação podem ser compreendidas como falhas na capacidade de brincar. Winnicott observa que, quando o paciente não consegue brincar, “o trabalho do terapeuta é trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é” (WINNICOTT, 1975, p. 80). Assim, o objetivo da análise não se restringe à interpretação de conteúdos inconscientes, mas inclui a restauração da capacidade de viver criativamente.

Essa concepção aproxima-se das contribuições de André Green, especialmente no que se refere às falhas na simbolização. Para Green (1988), certos pacientes apresentam um funcionamento marcado por vazios psíquicos e impossibilidade de representação, nos quais o negativo ocupa lugar central. Nesses casos, o analista é convocado a exercer uma função de sustentação que antecede a interpretação, favorecendo a constituição de um espaço psíquico onde algo possa vir a ser simbolizado. O brincar, nesse contexto, pode ser compreendido como indicador da presença ou ausência dessa capacidade representacional.

De modo complementar, Jacques Lacan contribui para essa discussão ao destacar a dimensão imaginária na constituição do eu, especialmente a partir do estágio do espelho. Para Lacan (1949/1998, p. 97), o eu se constitui como uma identificação a uma imagem, sendo, desde sua origem, marcado por uma dimensão de alienação. O brincar, nesse sentido, pode ser pensado como espaço onde o sujeito experimenta diferentes posições subjetivas, deslocando-se das fixações imaginárias e abrindo possibilidades de simbolização.

A articulação entre esses autores permite sustentar que a transferência, quando pensada a partir do brincar, ultrapassa a lógica da repetição para incluir a dimensão da experiência. Não se trata apenas de interpretar o que retorna do passado, mas de possibilitar que algo novo seja vivido no presente da relação

analítica. O analista, nesse contexto, não ocupa apenas o lugar de intérprete, mas de ambiente suficientemente bom, capaz de sustentar a emergência do brincar e, com ele, a constituição de novas formas de existir psiquicamente.

### **Articulação teórico-clínica: o brincar na transferência em adultos**

A compreensão da transferência analítica a partir do brincar adquire especial relevância quando observada na clínica com adultos que apresentam comprometimentos na capacidade de simbolização e de experiência criativa. Nesses casos, o brincar não se manifesta de forma evidente, mas pode emergir como um acontecimento clínico significativo, frequentemente acompanhado de estranhamento por parte do próprio paciente.

Nesse sentido, pode-se considerar a vinheta clínica de uma paciente de 42 anos, casada, mãe de uma criança de 7 anos, cuja história de vida é marcada por inserção precoce no trabalho. Segundo seus próprios relatos, iniciou atividades laborais aos 8 anos de idade, por imposição paterna, com o objetivo de contribuir para o sustento familiar. Desde então, refere nunca ter interrompido sua rotina de trabalho, evidenciando uma trajetória atravessada por exigências precoces e restrição de experiências lúdicas.

No decorrer do processo analítico, a paciente passa a demonstrar interesse pelos brinquedos disponíveis no setting, aproximando-se deles de maneira inicialmente hesitante. Em determinado momento, verbaliza não saber brincar, enunciado que revela não apenas uma dificuldade prática, mas uma limitação psíquica relacionada à impossibilidade de acessar o espaço potencial descrito por Winnicott. Tal afirmação pode ser compreendida como expressão de um empobrecimento da vida simbólica (GREEN, 1988), decorrente de falhas ambientais que comprometeram a experiência de espontaneidade e criatividade.

A partir do manejo clínico, que privilegiou a sustentação do ambiente e a não intrusão interpretativa precoce, a paciente gradualmente passou a se engajar em atividades lúdicas no setting. Esse movimento, embora inicial e por vezes acompanhado de estranhamento, indica a emergência de uma capacidade até então pouco acessível. Conforme assinala Winnicott (1975, p. 80), o trabalho analítico, nesses casos, consiste precisamente em possibilitar a

passagem de um estado em que o sujeito não consegue brincar para outro em que o brincar se torna possível.

Paralelamente, observa-se que essa transformação não se restringe ao espaço analítico. Ao longo das sessões, a paciente passa a relatar mudanças em sua vida cotidiana, especialmente na relação com a filha. Começa a descrever situações em que se permite brincar, realizar passeios, ir ao cinema e ao circo, experiências que, segundo suas próprias palavras, lhe causavam estranhamento, mas eram vividas como “muito boas”. Tal deslocamento evidencia que a capacidade de brincar, uma vez mobilizada na transferência, pode se estender para além do setting, promovendo transformações nas relações objetais e na qualidade da experiência subjetiva.

Essa vinheta clínica ilustra de maneira significativa a concepção de que o brincar não se limita à infância, mas constitui uma função psíquica fundamental que pode estar ausente, comprometida ou em processo de constituição na vida adulta. A dificuldade inicial da paciente em brincar pode ser compreendida à luz das contribuições de André Green (1988), especialmente no que se refere às falhas na simbolização e à presença de áreas psíquicas não representadas. Nesses casos, o analista é convocado a sustentar um espaço que possibilite a emergência de experiências ainda não simbolizadas, antes mesmo de qualquer elaboração interpretativa.

Além disso, a evolução do caso permite pensar a transferência para além da repetição, aproximando-se da noção winnicottiana de experiência. O que se observa não é apenas a reedição de vínculos infantis, mas a construção de algo novo na relação analítica — um espaço onde o sujeito pode, pela primeira vez, experimentar o brincar. Nesse sentido, a transferência deixa de ser compreendida exclusivamente como campo de repetição e passa a ser concebida como espaço potencial de criação e transformação.

Por fim, ao considerar a ampliação dessa capacidade para a relação com a filha, evidencia-se o caráter intersubjetivo do brincar. A paciente não apenas passa a brincar, mas também a oferecer à criança um ambiente mais favorável ao desenvolvimento emocional, rompendo, em certa medida, com a transmissão de uma história marcada pela privação de experiências lúdicas. Tal movimento reforça a dimensão clínica e ética do trabalho psicanalítico, ao possibilitar não

apenas transformações intrapsíquicas, mas também efeitos nas relações e nas gerações subsequentes.

### **Vinheta clínica: o brincar em constituição na transferência infantil**

A relevância do brincar na transferência torna-se particularmente evidente na clínica com crianças cujas experiências iniciais foram marcadas por falhas no ambiente e rupturas precoces nos vínculos primários. Nesse sentido, pode-se considerar a vinheta de um menino de 6 anos, levado à clínica pela avó, responsável por seus cuidados cotidianos, em um contexto atravessado por dificuldades na relação com os pais e por uma vivência de separação precoce. Desde as primeiras sessões, a criança demonstra interesse pelos brinquedos disponíveis no setting, dirigindo-lhes o olhar de maneira atenta e curiosa. Observa os objetos, acompanha visualmente sua disposição e, em alguns momentos, formula perguntas sobre eles, evidenciando investimento psíquico no ambiente. No entanto, apesar dessa curiosidade, mantém-se inicialmente em posição de observação, sem tocar ou manipular os brinquedos.

Sob a perspectiva transferencial, esse momento inicial pode ser compreendido como um tempo de instalação do vínculo, no qual o analista é ainda percebido como um outro potencialmente desconhecido e, portanto, não totalmente confiável. A não utilização dos objetos, apesar do interesse, indica que o campo transferencial ainda não se encontra suficientemente constituído para sustentar a espontaneidade. Trata-se de uma posição em que a criança testa o ambiente, investe-o de forma cautelosa e mantém certo controle sobre sua implicação subjetiva, evitando uma exposição que poderia ser vivida como arriscada.

Essa dissociação entre curiosidade e ação evidencia que o campo transferencial ainda não se encontra suficientemente constituído para sustentar a espontaneidade. A criança investe o ambiente e se aproxima do brincar pela via da observação e da linguagem, mas ainda não pode implicar-se corporalmente na experiência lúdica, configurando uma posição subjetiva marcada pela cautela, na qual o ambiente é testado antes de ser efetivamente habitado. À medida que o vínculo transferencial se fortalece, observa-se uma transformação progressiva. A criança passa a se aproximar dos objetos e inicia

um movimento de exploração que culmina na escolha de um único brinquedo por sessão, o qual passa a ser manipulado de forma exclusiva durante o encontro analítico. Ainda que demonstre curiosidade pelos demais objetos — olhando e perguntando —, mantém-se restrita ao objeto eleito, delimitando seu campo de ação.

Do ponto de vista transferencial, essa escolha pode ser compreendida como uma forma de organização da relação com o analista e com o setting. O objeto único funciona como mediador da relação, permitindo à criança engajar-se na experiência sem se sentir invadida por uma multiplicidade de estímulos. Trata-se de uma forma de brincar ainda marcada por restrição, mas que já indica uma confiança suficiente para sustentar um primeiro nível de implicação subjetiva.

Além disso, a repetição desse padrão ao longo das sessões pode ser lida como uma tentativa de estabelecer continuidade e previsibilidade no campo transferencial. Em um contexto psíquico marcado por rupturas precoces, a repetição do mesmo objeto pode funcionar como estratégia de estabilização, permitindo à criança experimentar uma relação que não se rompe abruptamente, diferentemente de suas experiências anteriores.

Após aproximadamente um mês e meio de acompanhamento, observa-se um deslocamento significativo na dinâmica transferencial. A criança passa a ampliar sua exploração do setting, circulando com maior liberdade entre os objetos e demonstrando maior segurança na relação com o analista. Paralelamente, inicia um movimento clínico de grande relevância: começa a levar brinquedos próprios para as sessões, introduzindo elementos de seu mundo pessoal no espaço analítico.

Sob a ótica da transferência, esse gesto indica uma mudança qualitativa na relação. O setting deixa de ser apenas um espaço externo a ser explorado e passa a ser investido como lugar de pertencimento. Ao trazer seus próprios brinquedos, a criança inscreve algo de sua história e de seu mundo interno na relação analítica, estabelecendo uma ponte entre o dentro e o fora, entre o familiar e o desconhecido.

Esse movimento pode ser compreendido como expressão da constituição do espaço potencial, no qual o sujeito passa a experimentar a coexistência entre

realidade interna e externa. O analista, nesse contexto, é progressivamente reconhecido como um outro que pode sustentar essa experiência sem intrusão, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de brincar.

A transformação observada no caso evidencia que a transferência, quando sustentada por um ambiente suficientemente bom, não se limita à repetição de experiências passadas, mas pode tornar-se um campo de construção. O que se observa não é apenas a reedição de vínculos marcados pela ruptura, mas a possibilidade de viver uma nova experiência relacional, na qual a confiança, a continuidade e a criatividade podem emergir.

Dessa forma, a vinheta ilustra que o brincar, em sua articulação com a transferência, constitui um indicador privilegiado do processo analítico. A passagem da observação à manipulação restrita e, posteriormente, à ampliação do campo lúdico e à introdução de objetos próprios revela não apenas o desenvolvimento da capacidade simbólica, mas também a transformação da relação transferencial, que passa de um registro de cautela e controle para um campo de maior liberdade e implicação subjetiva.

As vinhetas apresentadas permitem, portanto, uma leitura articulada da transferência em diferentes momentos do desenvolvimento, possibilitando uma análise comparativa entre a constituição e a restauração da capacidade de brincar no processo analítico.

### **Discussão final: a transferência como espaço de constituição do brincar em crianças e adultos**

A articulação entre as vinhetas clínicas apresentadas — a paciente adulta que enuncia não saber brincar e a criança que progressivamente constrói a capacidade de brincar no setting — permite sustentar que a transferência não se esgota como fenômeno de repetição, mas constitui o eixo fundamental a partir do qual o brincar pode emergir como experiência psíquica. Em ambos os casos, a transferência se apresenta não apenas como atualização de protótipos infantis, mas como campo de inscrição de experiências que não puderam ser simbolizadas, indicando que o trabalho analítico incide tanto sobre o que retorna quanto sobre aquilo que nunca chegou a se constituir.

Na perspectiva freudiana, a transferência é compreendida como repetição de experiências infantis no campo da relação analítica. Como afirma Freud (1914/2010, p. 201), o paciente não recorda, mas atua. No entanto, as vinhetas analisadas indicam que essa repetição não se limita à reedição de conteúdos recalçados, mas inclui também a atualização de falhas, lacunas e experiências que não puderam ser simbolizadas. Em ambos os casos, o que se apresenta na transferência não é apenas o retorno do reprimido, mas a expressão de algo que não chegou a se constituir plenamente no psiquismo.

Na paciente adulta, a impossibilidade de brincar evidencia uma história marcada pela interrupção precoce da experiência lúdica, substituída por exigências de trabalho e responsabilidades incompatíveis com o desenvolvimento emocional infantil. Sua afirmação de que “não sabe brincar” não se reduz a uma constatação comportamental, mas aponta para uma falha na constituição do espaço potencial. Nesse sentido, a transferência não se organiza apenas como repetição de vínculos infantis, mas como campo no qual a paciente pode, pela primeira vez, experimentar algo da ordem do brincar. O movimento posterior, no qual passa a brincar com a filha e a se permitir experiências de lazer, indica que a transformação não ocorre por via interpretativa, mas pela vivência transferencial de um ambiente que sustenta a emergência da espontaneidade.

De modo análogo, na vinheta da criança, observa-se que o brincar não se apresenta como dado imediato, mas como processo em construção. Inicialmente, a criança se mantém em posição de observação, ainda não podendo se implicar na experiência lúdica. A transferência, nesse momento, organiza-se em torno da cautela, da vigilância e da necessidade de testar a confiabilidade do ambiente. À medida que o vínculo com o analista se fortalece, o brincar emerge de forma restrita — na escolha de um único objeto — e, posteriormente, se amplia, incluindo a introdução de brinquedos próprios no setting. Esse movimento evidencia que a transferência não apenas revela o funcionamento psíquico da criança, mas constitui o próprio campo no qual novas experiências podem ser vividas.

É nesse ponto que a contribuição de Donald Winnicott se torna fundamental. Ao afirmar que “a psicoterapia se efetua na sobreposição de duas

áreas de brincar” (WINNICOTT, 1975, p. 80), o autor desloca a compreensão da transferência do campo da interpretação para o campo da experiência. A transferência, nessa perspectiva, pode ser compreendida como o espaço potencial no qual o brincar se torna possível. Tanto na criança quanto na paciente adulta, o que está em jogo não é apenas a elaboração de conteúdos inconscientes, mas a constituição de uma capacidade de viver criativamente.

As contribuições de André Green permitem aprofundar essa leitura, especialmente ao considerar os casos em que há falhas na simbolização. Para o autor, determinados pacientes apresentam áreas psíquicas marcadas pelo vazio e pela impossibilidade de representação, nas quais o trabalho analítico deve priorizar a criação de condições para que algo possa ser simbolizado (GREEN, 1988). Nesse sentido, a ausência ou limitação do brincar, observada em ambas as vinhetas, pode ser compreendida como expressão dessas falhas. A transferência, então, deixa de ser apenas um espaço de interpretação e passa a ser um campo de sustentação, no qual o analista exerce uma função fundamental na constituição do psiquismo.

Por sua vez, a leitura lacaniana contribui ao destacar que o eu se constitui a partir de identificações imaginárias (LACAN, 1949/1998). A dificuldade de brincar pode, nesse sentido, ser pensada como uma fixação em modos rígidos de organização do eu, que limitam a possibilidade de experimentação e deslocamento subjetivo. O brincar, ao introduzir a dimensão da ficção, da criação e da alternância de posições, permite ao sujeito escapar, ainda que momentaneamente, dessas fixações, abrindo espaço para a simbolização.

Dessa forma, a análise comparativa das vinhetas permite afirmar que a transferência não deve ser compreendida apenas como repetição, mas como espaço de constituição. Tanto no adulto quanto na criança, o brincar emerge na medida em que o setting analítico se configura como ambiente suficientemente bom, capaz de sustentar a experiência sem intrusão. O analista, nesse contexto, não ocupa apenas o lugar de intérprete, mas de presença que possibilita a construção de um espaço no qual o sujeito pode, finalmente, brincar.

Conclui-se, portanto, que a transferência, quando pensada a partir do brincar, revela-se como um campo privilegiado de transformação psíquica. Não se trata apenas de tornar consciente o inconsciente, mas de possibilitar a

emergência de experiências que não puderam ser vividas. O brincar, nesse sentido, deixa de ser um fenômeno restrito à infância e passa a ser compreendido como condição fundamental do processo analítico, tanto na clínica com crianças quanto com adultos.

### **Considerações finais**

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite afirmar que a transferência constitui o eixo central a partir do qual o brincar pode emergir, ser restaurado ou constituído no processo psicanalítico. Tanto na clínica com adultos quanto com crianças, o brincar não se apresenta como um dado garantido, mas como uma conquista psíquica que depende da qualidade do ambiente e da possibilidade de experiência no setting analítico.

A vinheta da paciente adulta evidencia que a impossibilidade de brincar pode estar associada a falhas precoces no desenvolvimento emocional, nas quais a experiência lúdica foi interrompida ou substituída por exigências externas. Nesse contexto, a transferência não opera apenas como repetição de conteúdos inconscientes, mas como espaço onde algo da ordem do brincar pode ser vivido pela primeira vez. A transformação observada — tanto no setting quanto na vida cotidiana — indica que a experiência transferencial pode promover a retomada da capacidade de simbolização e de investimento na vida.

De forma complementar, a vinheta da criança demonstra que o brincar pode surgir de maneira gradual, passando da observação à manipulação restrita e, posteriormente, à ampliação do campo lúdico. Esse percurso evidencia que a transferência não apenas revela o funcionamento psíquico, mas constitui o próprio campo no qual novas formas de relação e de simbolização podem se desenvolver. O gesto de levar brinquedos próprios para a análise marca um ponto decisivo, no qual o espaço analítico é apropriado subjetivamente e integrado à experiência interna do sujeito.

A articulação com Freud permite compreender a transferência como repetição; com Winnicott, como espaço potencial de experiência; com Green, como campo de enfrentamento das falhas de simbolização; e com Lacan, como dimensão atravessada pelas identificações imaginárias que estruturam o eu. No entanto, é na integração dessas perspectivas que se torna possível apreender a

complexidade da clínica contemporânea, na qual o analista é frequentemente convocado a sustentar condições para que o sujeito possa vir a simbolizar.

Conclui-se, portanto, que o brincar, longe de ser um elemento secundário, constitui um operador clínico fundamental, intrinsecamente articulado à transferência. É no interior dessa relação que o sujeito pode experimentar formas inéditas de existência psíquica, ampliando sua capacidade de simbolização e de criação. A psicanálise, nesse sentido, não se limita à interpretação do inconsciente, mas se configura como um espaço onde algo pode, finalmente, vir a acontecer: a possibilidade de inscrever, na experiência, aquilo que até então não pôde ser vivido nem simbolizado.

### **Referências**

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Este artigo é de autoria de Roberta Calixto. Sua reprodução ou uso indevido sem autorização constitui violação de direitos autorais, conforme a legislação vigente.

